

Vida de Maria (IV): Magistério, Padres, santos, poetas

O magistério, os Padres da Igreja, os santos e também os poetas consideraram ao longo dos séculos a cena do matrimónio da Virgem com José. Apresenta-se uma selecção de textos.

01/12/2010

A VOZ DO MAGISTÉRIO

«O evangelho de Lucas, ao apresentar Maria como virgem,

acrescenta que estava "desposada com um varão chamado José, da casa de David" (*Lc 1, 27*). Estas informações parecem, à primeira vista, contraditórias».

«Há que notar que o termo grego utilizado nesta passagem não indica a situação de uma mulher que contraiu matrimónio e, portanto, vive no estado matrimonial, mas a de noivado. Mas, de forma diferente do que acontece nas culturas modernas, no costume judaico antigo a instituição do noivado previa um contrato e tinha normalmente valor definitivo; efectivamente, introduzia os noivos no estado matrimonial embora o matrimónio se cumprisse plenamente apenas quando o jovem conduzia a noiva para sua casa».

«No momento da Anunciação, Maria encontra-se pois, na situação de esposa prometida. Podemos perguntar-nos porque razão tinha

aceite o noivado, dado que tinha feito o propósito de permanecer virgem para sempre. Lucas tem consciência desta dificuldade, mas limita-se a registar a situação sem dar explicações. O facto do evangelista, mesmo pondo em relevo o propósito de virgindade de Maria, a apresente igualmente como esposa de José, constitui um sinal de que ambas as notícias são historicamente dignas de crédito».

«Pode supor-se que entre José e Maria, no momento do compromisso, existisse um entendimento sobre o projecto de vida virginal. Além disso, o Espírito Santo, que tinha inspirado a Maria a opção da virgindade com vista ao mistério da Encarnação e que queria que esta acontecesse num contexto familiar idóneo para o crescimento do Menino, pôde muito bem suscitar também em José o ideal da virgindade».

«O anjo do Senhor, aparecendo-lhe em sonhos, diz-lhe: "José, filho de David, não temas receber em tua casa Maria tua esposa porque o que n'Elas foi concebido é obra do Espírito Santo" (*Mt 1, 20*). Desta forma recebe a confirmação de estar chamado a viver de modo totalmente especial o caminho do matrimónio. Através da comunhão virginal com a mulher predestinada para dar Jesus à luz, Deus chama-o a cooperar na realização do Seu desígnio de salvação».

«O tipo de matrimónio para o qual o Espírito Santo orienta Maria e José é compreensível apenas no contexto do plano salvífico e no âmbito de uma elevada espiritualidade. A realização concreta do mistério da Encarnação exigia um nascimento virginal que pusesse em evidência a filiação divina e, ao mesmo tempo, uma família que pudesse assegurar o

desenvolvimento normal da personalidade do Menino».

«José e Maria, precisamente tendo em vista o seu contributo para o mistério da Encarnação do Verbo, receberam a graça de viver juntos o carisma da virgindade e o dom do matrimónio. A comunhão de amor virginal de Maria e José, embora constituindo um caso especialíssimo, vinculado à realização concreta do mistério da Encarnação, foi, no entanto, um verdadeiro matrimónio».

«A dificuldade de se aproximar do mistério sublime da sua comunhão esponsal induziu alguns, já desde o século II, a atribuir a José uma idade avançada e a considerá-lo o custódio de Maria, mais do que seu esposo. É caso para supor, pelo contrário, que não fosse um homem idoso, mas que a sua perfeição interior, fruto da graça, o levasse a viver com afecto

virginal a relação esponsal com Maria».

«A cooperação de José no mistério da Encarnação abarca também o exercício do papel paterno relativamente a Jesus. Esta função é-lhe reconhecida pelo anjo que, aparecendo-lhe em sonhos, o convida a pôr o nome ao Menino: "Dará à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus, porque Ele salvará o Seu povo dos seus pecados" (*Mt 1, 21*)».

João Paulo II (séc. XX), Catequese mariana na audiência de 21-VIII-1996.

*** * * A VOZ DOS PADRES DA IGREJA**

«A menina ao crescer, quando já não era necessário amamentá-la, os seus pais apressaram-se a levá-la ao templo para a oferecer a Deus e cumprir, assim, a promessa que tinham feito. Os sacerdotes educaram-na no santuário, do mesmo modo que Samuel tinha sido

educado (cfr. *1 Sam* 1, 24 ss). Depois, quando se tornou uma adolescente, reuniram-se em conselho para decidir o que fazer daquele corpo santo sem ofender o Senhor. Pareceu um absurdo submetê-la às leis da natureza dando-a como esposa a um varão; pensavam que seria sacrílego que um homem se convertesse em dono do que tinha sido consagrado ao Senhor. Efectivamente, era conforme à lei que o varão se convertesse em dono da sua esposa».

«Por outro lado, a lei não permitia que uma mulher habitasse o templo junto dos sacerdotes e se mostrasse no interior do santuário, coisa contrária também à honestidade e à dignidade da lei. Após discutir esses problemas, tomaram uma decisão verdadeiramente inspirada: confiá-la, sob a forma de um matrimónio, a um homem que oferecesse todas as garantias de respeito pela sua virgindade».

«Encontrou-se em José o homem adequado para aquela situação. Além disso, era da mesma tribo e família da Virgem. Seguindo o conselho dos sacerdotes, José desposou a donzela, mas a relação matrimonial ficou excluída daquelas núpcias».

São Gregório de Nisa (séc. IV), *Homilia sobre a Natividade do Senhor* (PG 46, 1140 A-B).

* * *

«Sem dúvida os mistérios divinos são ocultos e, como disse o profeta, não é fácil ao homem, qualquer que seja, chegar a conhecer os desígnios de Deus (cfr. *Is* 40, 13). Por isso, o conjunto de acções e ensinamentos de nosso Senhor e Salvador dão-nos a entender que um desígnio bem pensado fez escolher com preferência, para Mãe do Senhor, aquela que tinha sido desposada com um varão».

«Mas porque é que não foi feita mãe antes dos seus esponsais? Pode ser para que não se possa dizer que tinha concebido adulteramente. E com razão a Escritura indicou estas duas coisas: Ela era esposa e virgem; virgem, para que aparecesse limpa de toda a relação com um varão; desposada, para a poupar ao estigma infamante de uma virgindade perdida, podendo a sua gravidez manifestar a sua queda. O Senhor quis antes permitir que alguns duvidassem da sua origem do que da pureza da Sua Mãe; sabia Ele quão delicada é a honra de uma virgem, quão frágil a fama do pudor; não julgou conveniente estabelecer a verdade da Sua origem à custa da Sua Mãe. Assim foi preservada a virgindade de Santa Maria, sem detimento da sua pureza, sem violar a sua reputação».

Santo Ambrósio (séc. IV). Tratado sobre o Evangelho de São Lucas, livro II, n. 1.

* * *

A VOZ DOS SANTOS

"É regra geral de todas as graças singulares comunicadas a uma criatura racional que, quando a graça divina escolhe alguém para uma tarefa especial ou algum estado muito elevado, concede todos os carismas necessários àquela pessoa para o ministério que há-de desempenhar adornando-a com eles profusamente».

«Isto realizou-se de um modo excelente na pessoa de São José, que fez as vezes de pai de nosso Senhor Jesus Cristo e que foi verdadeiro esposo da Rainha do universo e Senhora dos anjos. José foi escolhido pelo eterno Pai como protector e guarda fiel dos Seus principais

tesouros, isto é, do Seu Filho e de Sua Esposa e cumpriu a sua tarefa com absoluta fidelidade. Por isso lhe diz o Senhor: *Está bem, servo bom e fiel; entra no gozo do teu Senhor (Mt 25, 21)».*

«Se observarmos a relação que José tem com a Igreja universal, não é este o homem especialmente escolhido, pelo qual e sob o qual Cristo foi introduzido no mundo de um modo ordenado e honesto? Portanto, se toda a Igreja está em dívida com a Virgem Mãe, já que por meio d'Elas recebeu Cristo, de modo semelhante deve a José, a seguir a Maria, uma especial gratidão e reverência».

«José vem a ser a jóia que fecha o Antigo Testamento, já que nele a dignidade patriarcal e profética alcançam o fruto prometido. Além disso, ele é o único que possuiu corporalmente o que a

condescendência divina tinha prometido aos patriarcas e aos profetas».

«Temos que supor, sem qualquer dúvida, que aquela familiaridade, respeito e altíssima dignidade que Cristo tributou a José enquanto vivia na terra, como um filho ao seu pai, não lha negou no céu; pelo contrário, colmou-a e consumou-a».

*São Bernardino de Siena (séc. XV).
Sermão 2, sobre São José, 7. 16. 27-30.*

* * *

«Tomei por advogado e senhor o glorioso São José e encomendei-me muito a ele. Vi claramente que assim desta necessidade ,como de outras maiores de honra e perda de alma, este pai e senhor meu me conseguiu mais bem do que eu lhe sabia pedir. Não me recordo, até agora, de lhe ter suplicado coisa que tenha deixado de fazer. É coisa que espanta, as grandes

mercês que me fez Deus por intermédio deste bem-aventurado Santo, dos perigos de que me livrou, tanto do corpo como da alma; que a outros santos parece que lhes deu o Senhor graça para socorrer numa necessidade, a este glorioso Santo tenho experiência que socorre em todas e que o Senhor quer dar-nos a entender que assim como lhe esteve sujeito na terra — que como tinha o nome de pai, sendo aio, lhe podia mandar — assim no Céu faz quanto lhe pede».

«Quereria eu persuadir a todos para que fossem devotos deste glorioso Santo, pela grande experiência que tenho dos bens que consegue de Deus. Não conheci pessoa que lhe seja verdadeiramente devota e faça particulares serviços, que não a veja mais aproveitada na virtude; porque aproveita em grande medida às almas que a ele se encomendam. Parece-me, há alguns anos, que cada

ano no seu dia lhe peço uma coisa e sempre a vejo cumprida. Se a petição vai algo torcida, ele orienta-a para maior bem meu».

«Se fosse pessoa que tivesse autoridade de escrever, de boa vontade me alargaria a dizer com muito pormenor as mercês que este glorioso Santo me fez a mim e a outras pessoas; mas para não fazer mais do que me mandaram, em muitas coisas serei mais curta do que gostaria, noutras mais longa do que devia; enfim, como quem em tudo que é bom tem pouca discrição. Só peço por amor de Deus que o tente quem não me creia e verá por experiência o grande bem que é encomendar-se a este glorioso Patriarca e ter-lhe devoção. Em especial, pessoas de oração sempre lhe deviam ser aficionadas; que não sei como se pode pensar na Rainha dos anjos em tanto tempo que passou com o Menino Jesus, que não dêem

graças a São José pelo bem que lhes fez. Quem não encontrar mestre que lhe ensine oração, tome este glorioso Santo por mestre e não errará no caminho».

Santa Teresa de Jesus (séc. XVI). Livro da sua vida, cap. 6, nn. 6-8.

«Não estou de acordo com a forma clássica de representar S. José como um homem velho, apesar da boa intenção de se destacar a perpétua virgindade de Maria. Eu imagino-o jovem, forte, talvez com alguns anos mais do que a Virgem, mas na plenitude da vida e das forças humanas.

Para viver a virtude da castidade não é preciso ser-se velho ou carecer de vigor. A pureza nasce do amor e a força e a alegria da juventude não constituem obstáculo para um amor limpo. Jovens eram o coração e o

corpo de S. José quando contraiu matrimónio com Maria, quando soube do mistério da sua Maternidade Divina, quando viveu junto d'Elas respeitando a integridade que Deus queria oferecer ao mundo como mais um sinal da sua vinda às criaturas. Quem não for capaz de compreender um amor assim, conhece muito mal o verdadeiro amor e desconhece por completo o sentido cristão da castidade».

São Josemaría Escrivá de Balaguer (séc. XX). Cristo que passa, n. 40.

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de <https://opusdei.org/pt-pt/article/vida-de-maria-iv-magisterio-padres-santos-poetas/> (19/01/2026)